

A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias
 Administrador: Domingos Afonso Ribeiro
 Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL
 Sede provisória:
 Calçada Castelo Branco Saraiva, 42
 Oficinas: Rua da Aiaiaia, 114
 Toda a correspondência para o APARTADO
 N.º 329 — Lisboa
 Número aviso \$30

(AVENCADO)

DIVISIONISMOS

Em dois artigos nos referimos já à lembrança — parece que lembrança, apenas — de se tentar dividir mais o proletariado português, constituindo-se uma nova Central, segundo a corrente da Internacional de Amsterdam.

Falando do partido que a tenta, nós recordamos, muito ao de leve, o outro partido que desde o princípio da década que está a findar vem tentando fazer igual trabalho — coisa que de todos é sobejamente conhecida.

Mas vem de lá o orgão deste último e diz:

«Trata-se, e isto é indiscutível, de uma manifestação divisionista, que tem em vista, também, enfraquecer, mais ainda, o movimento operário e, simultaneamente, o que é grave, conduzir a reboque dum partido, que está, completamente, ao serviço do capitalismo um punhado de trabalhadores».

Neste naco de prosa adivinha-se uma confissão, quando diz que o fim em vista é, também, enfraquecer o movimento operário, parecendo deixar ver que para esse divisionismo enfraquecedor bem basta tal orgão e seus partidários.

Para a classe operária vale tanto o partido que deseja novo divisionismo como o que vem de há longo tempo fazendo idêntico trabalho com, aliás, mais graves perturbações.

Aquele está ao serviço do capitalismo?

Mas este não deixa de estar ao serviço do mesmo capitalismo.

Um está ao serviço do capitalismo particular; outro ao serviço do capitalismo de Estado.

De um ao outro, venha o diabo e escolha...!

Com o naco de prosa que transcrevemos parece querer dar-se a entender que tal divisionismo é penoso para quem assim critica tal acção.

Nisto, com em muitas outras manifestações deste partido, nota-se a duplidade de carácter e de acção.

Quem ignora as manifestações ostensivas do pior dos divisionismos deste partido há 9 anos a esta parte?

Que foi a questão surgida na C. G. T., em 1921, e que determinou as irradiações de dois delegados?

Não foi logo a primeira manifesto-declaracão da P. C., na qual se estabelecia o princípio de a organização sindical e confederal andar a reboque desse partido, uma outra manifestação divisionista?

Não foi em 1922-23 a constituição do Comité dos partidários da I. S. V. outra tentativa divisionista?

Não foram tentativas divisionistas

as manifestações de alguns organismos ao retirarem-se da C. G. T., em 1925?

E, posteriormente, não é essa Comissão Inter-Sindical outra tentativa divisionista?

E que diremos dessa outra tentativa, entre os trabalhadores rurais, de se criar um segundo organismo federativo, mentirosamente alheio a sugestões estranhas, quando é sabido que a mesma é obra dum estranho aos rurais e d'estes o mentor é mesmo um que se iludiu e envaideceu com uma candidatura de deputado?

Sim, que é tudo isto?

Que é essa obra horrivelmente nefasta de se andar, solapadamente, e bufar aos ouvidos dos incautos, envenenando os trabalhadores sinceros e desprevenidos, para fazer d'eles, não seres capazes de se emanciparem para, por sua vez, trabalharem pela emancipação dos seus irmãos de servidão, mas para d'esses ingénuos fazerem viboras destinadas a empeçar o ambiente até então fraternal dos trabalhadores?

Que é essa obra de confusão, de escândalo, de suspeição, de intriga e de calúnia que se procura realizar no seio de todas as classes, senão trabalho enfraquecedor e divisionista?

Para que se colhem os nomes e endereços de militantes ou simpatizantes de cada classe, senão para particularmente os envenenar, a-fim-de, nas respectivas classes, surgirem, como por encanto, agentes de

confusão que dividem, que enfraquecem, que realizam a obra de preparação para o assalto à organização pelo P. C.?

Para que buscam na província interessados no partido, senão para que estes, em comunicação com a séde do mesmo, — que pode mesmo ser a Comissão Inter-Sindical de Lisboa — se encarreguem, onde e como possam (todos os meios são bons...) de realizar a obra divisionista que ao mesmo partido convém?

Não será isto fazer, também, a obra divisionista e da pior?

* * *

Noutros tempos realizava-se acção doutrinária e educativa. Foi com a propaganda, feita à luz do dia, pela palavra ou pela imprensa, que se conseguiu levar a cabo a unificação do proletariado português.

Hoje, para se destruir o que levou anos a conseguir, bastam a intriga e a calúnia.

Um aviso aqui deixamos: não baixaremos a tal e tão funda desagradecida. Não responderemos ao insulto com o insulto; à calúnia com a calúnia. Mas nós seríamos cúmplices no trabalho negregado de desagregação, se nos continuassesem a manter silenciosos em face da obra nefasta que se está realizando.

Quem cala, consente. Não queremos polémica, mas faremos obra de elucidação, como aviso aos incautos. E basta, por hoje.

O AMOR

Entre os antigos, a deusa Venus ou Afrodite era o símbolo da beleza e do amor. Ainda que um pouco «sournoise», ela era fecunda, cheia de desejos ardentes e de encanto, e não encarnava sólamente as aspirações naturais do ser humano, mas também o seu ideal artístico. Dois deuses falsos estendem-lhe hoje cada vez mais insolente a mão para a arrastar para a lama: Baco que faz dela uma bruta vulgar e grosseira, e Manon ou o bezerro de ouro, que a transforma em prostituta venal. Ao mesmo tempo, um ascetismo religioso rígido, invejoso ou hipócrita, esforça-se, sempre em vão, por conservá-la encerrada numa camisa de forças. Possam os progressos da cultura e da ciência encontrar ainda força para a libertar, tanto desta camisa como da tirania dos seus dois infames «chulos», que a infame ignorância e a estupidez humanas se obstinam ainda em decifrar. Então a deusa do amor resplanderá de novo com o seu antigo brilho no céu da humanidade e da sua felicidade.

Dr. A. Ferreira

SOLIDARIEDADE

No Sindicato Único dos Metalúrgicos de Lisboa realiza-se hoje à noite uma festa de solidariedade ao camarada Gaudencio Moita que se encontra doente. Esta festa é promovida por uma comissão de amigos seus.

UMA ARBITRARIEDADE

No bairro da Bélgica

Uma comissão de moradores no bairro da Bélgica reclamou contra o facto de aparecer, agora, uma companhia a exigir \$150 por cada metro de terreno que ocupam as Barracas ali construídas há 14 anos, sem ter havido impedimento algum. Esse bairro é habitado por numerosas famílias pobres que, por seu esforço próprio, construiram várias barracas, onde vivem. Esse terreno estava abandonado, não aparecendo ninguém a impedir a construção.

Essa comissão pede justiça, pois não faz sentido que tal exigência se faça, atendendo mesmo a que a enorme crise de trabalho atinge muitos dos moradores, vivendo os restantes de salários baixíssimos.

Uma saudação

Saudo a nossa querida Batalha e desejo-lhe um futuro de prosperidades.

Com o meu insignificante mas sincero prémrito pode ela contar sempre que eu lhe posso ser útil. O brado saído de meu coração é: «Viva A Batalha!»

Cova da Piedade, 30-10-1930.

António Gonçalves

O Esperanto tem uma gramática simples e um vocabulário cujos elementos são internacionais

No último número d'este jornal procurei demonstrar que os revolucionários, aqueles que trahem para uma sociedade melhor, — sem desigualdades e sem fronteiras — devem ser os primeiros a aprender o Esperanto. De facto, eu deveria ter começado por dizer o que é o Esperanto, e pensei em fazê-lo. Receei, porém, massar o leitor, visto que nestes últimos tempos toda a imprensa nacional (quer a proletária, quer a burguesa) lhe tem feito larga referência.

Contudo deve haver muita gente que tem lido referências ao Esperanto, mas não faz uma ideia exacta do que isso seja. Procurarei, pois, dar em poucas palavras, uma ideia, tanto quanto possível exacta, do que é esse belo idioma que será no futuro a língua única de todos os homens.

Não falarei da necessidade, cada vez mais acentuada, de se adoptar, para as relações internacionais, uma língua, como auxiliar. E não o farei para não alongar o artigo com explicações de uma coisa que todos conhecem.

Direi apenas que, entre aqueles mesmo que preconizam essa necessidade, há alguns que julgam ser preferível resolver o caso escolhendo, para esse fim, uma das muitas línguas naturais ou nacionais, como o francês, o inglês ou outra assim.

Quem tenha estudado um pouco essas línguas, terá por certo reconhecido desde logo, que as línguas chamadas naturais estão pejadas de excepções, que muito complicam as já de si complicadas regras gerais. Não falando já das rivalidades que se levantariam entre diversos povos para fazer triunfar a sua, ou a da sua simpatia.

Verificado que era necessário resolver o caso com uma língua artificial, surgiram diversas línguas, com diversos nomes e de diversos autores. De todas elas triunfou o «Esperanto», criação genial do dr. Luis Zamenhof.

É trinfou porque as outras eram demasiado artificiais, enquanto que o Esperanto é a mais natural de todas as línguas; até mesmo mais natural que as chamadas naturais.

O seu autor conhecia muitas línguas e verificara que muitos vocábulos eram já internacionais, bastaria escolhê-los, coordená-los e dar-lhes umas regras gerais, uma gramática própria, e estaria o caso resolvido.

Para exprimir aquelas ideias que têm uma expressão muito diferente de povo para povo, escolheu Zamenhof os vocábulos que tinham já maior internacionalidade.

Para gramática, compilou um conjunto de 16 regras, sem excepções.

Marcou um valor fixo para cada letra; e, assim, qualquer pessoa pode, em menos de uma hora, aprender a ler, visto que basta decorar o valor de cada letra.

O alfabeto do Esperanto tem 28 letras, e porque o valor ou o som de cada uma delas é sempre o mesmo, quer se encontre no princípio da palavra, quer no meio ou no fim não surgem dúvidas sobre o modo de pronunciar; como sucede em português e noutras línguas das chamadas naturais.

Bastará citar a letra S que em português tem diversos valores: — Em Esperanto a palavra SALO (sal) lê-se salô, a palavra TASO (chávena) lê-se tássô, e PASTO (pasta) lê-se pássô. Sempre o mesmo som sibilante.

O Esperanto é pois a língua mais fácil de aprender, e a única que resolve o problema da língua universal.

I. A. Barros

As nossas virtudes são freqüentemente, vícios disfarçados.

La Rochefoucauld

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Influências sobre o movimento operário na América

Enquanto a massa trabalhadora manter a sua unidade ideológica, difícil será infiltrar-lhe ideias de autoridade e escravatura

As duas influências assinaladas que actuam sobre o movimento operário da América, são de carácter político, aspiram a conformar a mentalidade d'a imensa legião de párias na ideia da conquista do Estado, sobretudo, não são em si mesmas independentes, estão subordinadas ao Governo da Washington uma, a Moscovo a outra.

A-pesar-de que o reformismo se manifesta internacionalmente da mesma maneira; apesar da sua visível tendência a dominar as organizações operárias do mundo, está dividido em dois grupos: a International de Amsterdã e a «American Federation of Labor» (Federação de Trabalho Americana) que respondem em separado às sugestões do capitalismo europeu a primeira, e ao governo capitalista de Washington a segunda.

Neste sentido não faz mais que seguir a conduta observada durante a guerra ao votar os créditos militares e secundar a ação de seus respectivos governos no massaire, dividindo entre si, e deixando entre as engrenagens dos Estados em guerra os útimos girões do socialismo.

A colaboração, em lugar da resistência activa ao capitalismo, fez com que o socialismo esquecesse a unidade de propósitos e a irmandade internacional dos trabalhadores manifestado na primeira hora, e que hoje se converta em elemento de reconstrução capitalista nos momentos de crises; em lugar de impulsionar a este sistema de vida levou à bancarrota definitiva. Era o resultado lógico, previsto pelo elementos avançados, no instante em que se manifestou no socialismo a tendência política que aspirava a participar na vida do Estado.

Interessa constatar que, pela tendência autoritária que é a essência do reformismo, assim como pelos interesses ocultos a que serve por meio da sua penetração continental, representa um perigo que afortunadamente se debilita pela sua ausência de prestígio, sobretudo nas repúblicas latino-americanas, e pela carência de coesão entre o reformismo continental que se encontra dividido entre as duas internacionais socialistas.

Sobre o desenvolvimento do movimento operário continental, manifesta-se, pois uma só influência absolutamente independente de toda a sugestão estranha, e que não aspira à dominação sobre o povo por meio da conquista do poder político, mas sim a destruição completa deste poder que obasta o desenvolvimento livre do indivíduo e da sociedade: é o anarquismo.

A luta, pois, pela conquista do proletariado da América trava-se entre a social democracia e o anarquismo. Entre autoritários e anti-autoritários, observa-se este fenômeno curioso: o reformismo tem seu centro nos Estados Unidos, nos quais domina por completo sobre o movimento operário.

No México existe, porque conta com o apoio incondicional do governo, do qual é uma agência eleitoral. Mas naturalmente, sujeitado por completo ao Estado deve supurar as vicissitudes do próprio Estado, pelo que está chamado a sofrer um descalabro, de acordo com os governantes que se sucedem no poder.

Mas a partir do México, até ao sul, o reformismo encontra-se contido pelos centros anarquistas que impedem o seu desenvolvimento.

Conta naturalmente o reformismo com centros, como por exemplo na Argentina, mas a sua influência é sempre menor à que pode exercer o movimento libertário.

O socialismo autoritário surgiu na Europa e fundamenta-se a si mesmo no facto do desenvolvimento do capital. É bem umada teoria que contempla a situação do proletariado industrial e que vincula a sua realização no desenvolvimento extremo desse industrialismo capitalista. Mas não existe uma diferença considerável entre a maioria dos países americanos nos quais não havia penetrado ainda a grande indústria e cuja base continua sendo o campo, e nos quais existem as crenças e costumes de outrora? O chamado socialismo científico forma um

corpo de doutrinas absolutamente estranho ao seu pensamento e temperamento.

Em troca, o anarquismo é mais compreensível para o espírito sensível da populaçāo destes países, indígena em sua grande maioria, e é mais compreensível porque estão habituados a uma vida anárquica de certo modo, porque today em muitos pontos conviveu entre si sob formas comunistas, dum comunismo rudimentar e primitivo, é certo, mas que no fim de contas obriga a uma vida solidária não ao egoísmo que se desenvola como consequência do individualismo e mais ainda, porque estão habituados a uma vida em que existe um mínimo de autoridade.

Por razões, pois, de sentimento, a América pertence ao anarquismo.

Sobre o continente Sul, os anarquistas mantêm uma influência perdurable. Na massa dos países que compreende o Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai o anarquismo exerce desde há tempo ascendente sobre as massas populares e a organização forma na primeira linha sob a bandeira de guerra da anarquia. Nos demais países conta também com organizações, mas justamente porque ainda não se sentem com suficiente força os efeitos do capitalismo moderno, a necessidade de organizar-se não arreigou ainda fortemente entre os trabalhadores.

Naturalmente, também nestes países existem núcleos comunistas e socialistas, mas estes últimos, mais como partidos políticos que como gentes para quem a organização constitua um motivo de preocupação. Quere dizer que se os anarquistas no contam aí com forças ponderáveis, também as outras tendências se encontram nessa mesma situação.

Afortunadamente para o anarquismo, todos estes núcleos contam também com um organismo continental até ao qual convergem e do qual recebem o apoio necessário para fortificar-se e estender cada vez mais o seu raio de ação nas regiões donde actuam. Referimo-nos à A. Continental Americana dos Trabalhadores.

E a obra que começam a desenvolver contando com o apoio da Argentina assegura sobre o conjunto dos países do Sul e centro americanos o futuro das nossas ideias. Ainda que a A. C. A. T. a deferência das outras continentais não receba o subsídio de nenhum governo, não tem de que temer.

Um exame sintético de cada um desses países confirmaria a nossa ideia de que enquanto existam núcleos anarquistas e contém com algum apoio, o futuro perencerá por completo ao anarquismo.

Nalguns deles, na Bolívia por exemplo, um grupo de camaradas acaba de constituir a Federação Operária Local da Paz, e pela ação já desenvolvida a estender-se atingirá toda a região, constituindo a organização nacional sobre o mesmo plano ideológico que a F. O. R. A. e demais organizações operárias libertárias sul-americanas.

Chegariam à seguinte conclusão. O anarquismo está desenvolvido e conta com organizações próprias no Sul da América e núcleos nos países do Centro e Norte da América. O socialismo autoritário, em troca, tem seu centro nos Estados Unidos e México, mas ainda neste último país conta o anarquismo com a Confederação General de Trabalhadores, centro de resistência encravado em pleno pseudo reformista, guarda avançada do anarquismo que presságia um largo porvir para as nossas idéias, inclusive no continente norte.

Enquanto o bolxevismo, como temos dito, chegou ultimamente com uma ideologia que não está conforme com os sentimentos de grande massa trabalhadora continental, fica-lhe o recurso de desfigurá-la na expressão e combater com todas as armas o reformismo e o anarquismo. Mas enquanto o anarquismo conserva a sua unidade, sobre uma diferença considerável entre a maioria dos países americanos nos quais não havia penetrado ainda a grande indústria e cuja base continua sendo o campo, e nos quais existem as crenças e costumes de outrora? O chamado socialismo científico forma um

DA ARTE

Necessidade de coordenação e orientação artística

Que a cultura do proletariado é de extrema necessidade, já se não atreve a contestar mesmo aquele que por ela não faz o mínimo esforço. E que o proletariado deve a maior parte do seu mal-estar ao seu tremendo desconhecimento de tudo quanto diz respeito à cultura geral do indivíduo, é também de impossível contestação.

Se o salário de um serralheiro tem incomensurável diferença do que aufera diariamente um médico, isso não se deve apenas à diferença das profissões, mas sim a que o médico, ao mesmo tempo que adquire a sua cultura profissional, adquire outra de ordem geral que o leva à compreensão integral do seu valor. O serralheiro não procede assim. Labuta na oficina para aprender o seu ofício, adquire dêle o seu conhecimento — e às vezes bem profundo — e por afi fica. É certo que, para colocar um parafuso novo numa locomotiva que funciona mal, não é preciso entender um soneto de Antero de Quental, mas, compreendendo-se o soneto, fácil será compreender o valor do parafuso no interesse colectivo. E comprendendo o valor do parafuso no interesse colectivo, equivale a compreender completamente o nosso próprio valor. Se o médico, operando determinado indivíduo na apendicite, o livra de uma morte prematura, o serralheiro, colocando o parafuso na locomotiva que ha de transportar esse indivíduo ao lugar onde está o médico, ou vice-versa, contribui de igual modo para o salvamento dessa vida. E, para que aos dois a paga seja igual, falta apenas esta pequena coisa: elevar artística e intelectualmente o serralheiro.

* * *

M. O. alvitrou nestas colunas a criação de uma Universidade Operária, e esse alvitre completado e realizado com a criação simultânea de um teatro retintamente popular, onde actuasse uma companhia de idealistas da arte e da perfectibilidade humana e dirigida por um profundo conhecedor do assunto e um coração aberto às mais generosas ideias, seria a realização de uma obra para causar orgulho — orgulho nobre — a todos quantos por estas coisas se interessam a valer,

Mas eu, não achando tudo isso de impossível realização, acho-o todavia bastante difícil. E acho-o bastante difícil porque ainda somos muito poucos a querê-lo.

É preciso aproveitar alguma coisa do que há e dessa alguma coisa criar adeptos para que amanhã sejamos mais, muitíssimos mais, os que o desejam. Há por aí escolas nocturnas onde não aparece a nossa gente — ou aparece pouca — a melhorar os seus conhecimentos ou adquiri-los ainda que rudimentares. Há agremiações operárias, umas profissionais e outras de recreio, nas quais se podia começar — modestamente, claro — por fazer teatro onde a arte fosse tratada com carinho, talqualmente a mãe trata o filho que amamenta, e os grandes problemas tratados com vontade de os propagar e esclarecer. Mas os dirigentes dessas agremiações — onde há às vezes, salas não aproveitadas, — não sentem a necessidade desse trabalho de aperfeiçoamento. E não sentem essa necessidade porque a maioria se confunde com o resto da massa analfabeta, diferenciando-se, às vezes, apenas pelo conhecimento de dois conceitos já velhos muito bem decorados mas mal interpretados. A maior parte desses organismos limita-se a criar um grupo dramático para o qual entram

logo uns sócios que viram certos actores naquelas tiradas de teatro antigo, berrarem numa fogaçidade cómica, desejam ter occasião de os imitar — por isso o «papel» é mais ou menos importante consoante as «falsas» grandes ou pequenas que tiver. Para reportório adquirem logo ali na travessa de S. Domingos: «Operários e Agiotas», «Amor Louco», «Ladrão de Casa», como se lá porque nas peças ou nos títulos se fala em operários, ainda que seja obra gafada, tenha de ser dada a operários. Quando não levam assim destes abórtos que dizem, mas muito mal, que o operário é uma pombinha e o vanguarda um tigre desalmado, escolhem co-médias como «O Amigo dos Diabos», etc. Se fazem então um acto de variedades, não conhecem Junqueiro, Antero ou João de Deus, conhecem os monólogos como «O teu olho está a pedir fechadura», «O piuta, pinta...» e mais coisas que nas revistas fizem furor justamente pela indecência. Se algum grupo que foge a esta falta de escrupulos literários, tem no entanto a ausência de conhecimentos artísticos e direção técnica, o que no fim de contas dá o mesmo resultado. Porque é preciso que tenhamos bem em mente que se para ser pendreiro são precisos uns tantos anos de aprendizagem, de igual aprendizagem necessita aquele que deseja interpretar honestamente uma peça teatral.

Ora é preciso que isto termine. E preciso que todos os dirigentes dos vários organismos populares se convençam que a cravetamental de um povo se avalia pelas suas manifestações artísticas, e se elas, os dirigentes, nessa matéria são profanos, que considem os entendidos para os orientar, que de certo aparecerão. Nunca ficou mal a ninguém confessar a sua ignorância sobre certo assunto — ocultá-la quando ela é evidente é que prejudica — quando há outros que conhecendo-o desejam trá-la de bôa fé. E eu creio que escritores há e mais apareceriam; interpretes aproveitar-se-iam os poucos que existem e outros se criariam; e um orientador com conhecimento pleno dessas coisas — e é o que poderia ser mais difícil de aparecer — felizmente para nós também não nos faltava. Falta apenas, parece que em todos, um desejo grande de aperfeiçoamento popular.

Antônio Vitorino

ABATLHA

CONDICIONES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:
Série de 10 números..... 3\$00

ÁFRICA:
Série de 20 números..... 8\$00

ESTRANGEIRO:
Série de 20 números..... 11\$00

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329.

LISBOA

A organização operária tem na
«Vanguarda Operária»
o seu porta-voz no Norte.

UM DOCUMENTO

RESULTADO DUM INQUERITO, FEITO A UM MILITANTE

Relatório apresentado pelo sindicante nomeado

Iniciamos a publicação dum documento de importância. Trata-se do relatório elaborado pela Central Operária sobre o militante Manuel Joaquim de Sousa, atacado e acusado no Sindicato dos Manufactores de Calçado. Essas acusações são no relatório, de que iniciamos a publicação, amplamente esclarecidas e desfeitas.

A carta de Manuel Joaquim de Sousa

«Caros camaradas:

Suponho que conhecereis algo da luta que mantenho, no terreno dos princípios e da orientação sindicalista revolucionária e libertária, com os moscovíticos mais ou menos comunistas. É luta que vem de longe, mas que se reacendeu no seio do meu sindicato profissional.

Maus actos abusivos dum ex-direcção do mesmo, saltando por cima de deliberações de assembleias gerais, e que eu e outros camaradas expobamos — o que determinou o seu pedido de demissão — foram a scentalha que incendiou as paixões.

O espírito de vingança não se fez esperar — baixo, pérdo e aviltante. A infâmia é a arma favorita ao serviço dum reles politi- cagem por parte de todos os que, impotentes para honestamente apresentarem e defenderem seus pontos de vista, querem, em todo o caso, absorver a organização, e, não o podendo fazer com nobreza, preferem dividir, desorganizar, lançando a suspeita vil, a traiçoeira desconfiança sobre os elementos que de algum modo se opõem aos seus de- signios.

E o que sucede comigo. Tudo indica que sou a sua sombra negra o seu pesadelo, e assim é que me atribuem actos e palavras que não pratico nem digo, ou então desnaturalizam factos, exagerando-os até ao infinito, com fins tendenciosos, destinados a demoralizarem-me no conceito de criaturas ingénuas ou de organismos desconhecedores das suas artimanhas.

Tudo isto me seria pessoalmente indife- rente, posto que não abrigo quaisquer ambições que a sua maledicência infamante me possam prejudicar; mas vejo claramente o seu objectivo: prejudicar na minha pessoa as ideias que professo e a organização que defendo à contranse.

Este é o motivo porque a vós me dirijo, não sem que, antes, vos exponha a causa imediata desta carta.

No meu sindicato um sócio, que eu reputo agente e instrumento de vingança pessoal e política — é um dos componentes da ex- direcção de que acima falo — reeditou uma das acusações de S. A. e que eu naquela altura pulverisei.

Em face dessa acusação requeri uma comissão de inquérito. Na última assembleia, em 23 do corrente, ao tratar-se da nomeação dessa comissão, foi proposto pelo principal elemento derrotista do sindicato, meu fiel inimigo pessoal e político, para que a mesma comissão inquirisse igualmente de todos os meus actos, proposta que aceitei e em que colaborei.

Posta essa proposta à votação, foi rejeitada, por — ao que me disseram — ser considerada tópica e afrontosa.

Fica de pé o meu requerimento para a nomeação da comissão para inquirir da acusação concreta que me formularam. Mas, afinal, ao nomear-se essa comissão, todos recusaram. O meu requerimento fica assim sem efeito, e eu requeri, de novo, que se oficiasse a esse organismo para ele informar sobre o assunto.

Nesta altura outro requerimento surge para que se vos pedissem outras informações. Nada direi sobre estes casos particulares. O Sindicato dirá e vós respondereis como fôr de justiça.

Pretendo tão sómente habilitar o meu sindicato a julgar do meu procedimento passado no seio desse organismo. E' que, camaradas, poderá parecer que, sendo rejeitada a proposta para que se inquirisse dos meus actos, assim se procedeu para encobrir passíveis faltas graves por mim cometidas.

Eis porque, caros amigos, venho por este meio, junto de vós, pedir-vos encarecidamente para que me passeis um documento

na qual contem os actos ou faltas por mim cometidas e que, de algum modo, prejudicaram a organização, enquanto a servi, moral ou financeiramente.

Consciente de ter cumprido sempre o meu dever, visto que verbalmente ou por escrito dei inteira conta das missões de que fui inúmeras vezes incumbido; tendo justificado plenamente todos os meus documentos de despesa; e tendo, além disso, por deveres de cargos, lidado talvez com centenas de milhar de escudos sem a mais leve incorreção e tanto que já mal a colectividade se ocupou de questões dessas que directamente me dissessem pessoalmente respeito — eu tenho falado sempre de cabeça erguida.

Mas como os destruidores da organização persistem em espalhar dúvidas, mantendo sobre mim uma atmosfera de suspeição irritante, dando a entender que algo de concreto existe contra mim, mais uma vez vos peço para que me notifiquem os meus crimes, se os tive, para apresentando-os ao sindicato me recolher depois ao silêncio curtindo os meus remorsos, ou então, não as tendo, como mo diz a consciência, poder destruir documentadamente as infamias bolsadas malevolamente contra mim.

O Relatório

Presados camaradas:

Em virtude de uma resolução deste Conselho reunido em Maio do corrente ano, tomada em face de uma consulta dimanada do Sindicato dos Manufactores de Calçado de Lisboa, — ofício que tem a data de 24 de Abril, cuja consulta consistia em saber a quanto orçavam alguns gastos de dinheiro e sua justificação, — levados a cabo pelo camarada M. Joaquim de Sousa, no cumprimento de delegacias efectuadas em nome da C. G. T.; nós, na qualidade de sindicantes, para averiguar até que ponto se justificam as suspeitas do referido Sindicato — vimos, pelo presente Relatório, dar-vos conta do trabalho de esclarecimento a que nos foi possível chegar.

Camaradas:

E' inteiramente do conhecimento de todos os militantes e muito em especial do Sindicato dos Manufactores de Calçado, que toda a documentação administrativa, bem como livros de Actas, Relatórios, etc. — documentação muito interessante e de grande utilidade para de uma maneira precisa e categorica se avaliar da vida íntima e pública da C. G. T. foi, como é sabido, totalmente na voragem da destruição, em 2 de Novembro de 1927.

Portanto um trabalho de inquérito de tal natureza e que em si é de uma grande responsabilidade — pois que se trata de honrabilidade de um militante, cujas responsabilidades profundas na Organização operária estão vincadas através dum grande parte da sua vida, deparou-se-nos talvez demasiadamente difícil em virtude de completa ausência de documentário, que servisse de fonte segura para melhor orientar o trabalho que nos foi atribuído.

Porém, como tais elementos faltam e em face de tal, a que meios recorrer para de uma maneira suscinta nôs esclarecermos e podermos apresentar um trabalho que se aproximasse, tanto quanto possível, da verdade e que de certo modo não só satisfaçõa os Manufactores de Calçado como o próprio Conselho Confederal?

Recorrendo, como está indicado ao testemunho vivo de camaradas, que há data em que se verificaram tais factos, tiveram comparição mais ou menos directa, mais ou menos activa, em trabalhos confederais relacionados em maior ou menor ligação com o camarada M. J. de Sousa.

E então, o Conselho Confederal, sobre

nossa solicitação, indicou-nos alguns nomes desses antigos militantes, diligenciando com elas nos avistarmos, logo que tal nos foi possível.

São elas:

Joaquim de Sousa, Carlos Maria Coelho, Silvino de Noronha, Carlos José de Sousa e Alfredo Lopes, aos quais mandei recado para se reunirem na sede do Sindicato U. Metalúrgico, no dia 12 de Julho à noite. Esta reunião não se realizou por terem faltado todos os camaradas convidados, á exce-

pção do camarada J. de Sousa e do atingido. Em face desse fracasso resolvi marcar outra data, enviando a cada um daqueles camaradas, um ofício expondo o assunto e encarecendo a gravidade do mesmo. Essa reunião efectuou-se no mesmo local, do dia 25 do mesmo mês, faltando a ela os camaradas Carlos J. de Sousa e Carlos M. Coelho.

Este último justificou por intermédio de Alfredo Lopes, a sua não comparecência, em virtude de à mesma hora ter que assistir a uma reunião no seu sindicato, prontificando-se, todavia a fornecer por escrito uma declaração sobre o que por ventura ainda conserva na memória. A esta reunião também assistiu o camarada Sousa.

Expostos os motivos da reunião e de uma maneira muito sumária, visto que os camaradas presentes estavam já senhores do assunto, passou-se à apreciação dos factos neunciados no ofício dos Manufactores de Calçado.

Pedidas explicações ao acusado, este justificou com o testemunho de uma longa carta assinada pelos camaradas José Revoredo, António Luís Pinheiro, Mário de Azevedo, Serafim Cardoso Lucena, Mateus Ramos e Julio de Campos, clementes que residem no Porto e que tiveram estreitas relações com M. J. de Sousa para o efeito da missão que este camarada foi encarregado no Norte.

Aqueles camaradas relatam as peripécias que deram margem à sua longa demora naquela região, justificando-a plenamente (doc. n.º 3).

Convém frizar que a demora notada na missão às províncias do Norte tinha já sido plenamente justificada no seio da própria Comissão que ali o enviou. Estranhando os camaradas presentes que se voltasse a agitar um assunto que desde o seu inicio já estava arrumado.

Afirma-se na acusação que o referido camarada dispenderia a soma de 2.800\$00. Esta quantia é tomada como um exagero de gastos em relação do tempo gasto no Norte; pretendendo-se dar-lhe um carácter de escândalo gravíssimo. E para dar maior vulto a tal escândalo, cita-se um pormenor muito curioso a propósito da sua passagem por terras transmontanas, o que foi muito bem aproveitado para dar uma extensão mais larga ao pretendido escândalo. Mas ao fim e ao cabo de tanta miséria moral, apenas serviu para descobrir a má fé que existia e ainda existe contra o camarada Sousa. O facto explica-se da maneira seguinte: Sousa após longa jornada através do Norte, foi visto nas Pedras Salgadas, que por ali passava, por ter necessidade de avistar com o camarada Ferreira (já falecido) para assuntos da sua missão oficial. Mas acontece que passado algum tempo, na altura em que se discutia o assunto no C. Confederal, e sabedor Santos Arranha da ida do delegado confederal às Pedras Salgadas, aquele, então director de A Batalha, não pôs dúvida em acusar Sousa de a custa da organização ter permanecido por largo tempo naquelas terras.

Foi o bastante para que certas criaturas sem o menor escrúpulo dessem largas a tal escândalo, não curando, em primeiro lugar, de averiguar se semelhante acusação tinha ou não fundamento, posto que se deveria ter um maior escrúpulo pela honra alheia. Mas certo é que o assunto foi debatidíssimo no momento oportuno e plenamente justificado, não só a demora como justificados os gastos de dinheiro. (doc. n.º 8 e 9).

Depois de largamente discutido o assunto e tendo o acusado dado todas as explicações pedidas, os mesmos camaradas tomaram o compromisso de, separadamente, cada um por si, fazerem uma declaração por escrito.

Além destes camaradas, resolvemos solicitar outro tanto aos camaradas Carlos M. Coelho, Carlos J. de Sousa e se fosse possível, abster outro tanto do camarada Lúcio da Costa.

Alfredo Lopes declara que nas épocas em que se verificaram as missões constantes do ofício dos Manufactores de Calçado, não participou dos trabalhos confederais, todavia, declarou que no 1.º comité confederal — saído do congresso de Coimbra — trabalhou ao lado do acusado e que sempre constatou a máxima correção em todos os seus actos,

nada tendo a apontar-lhes que oituse que, de algum modo, a sua vida de militante. No entanto expressou a sua opinião, por escrito. (doc. n.º 4).

Em face destas gestões, e dando-se esta reunião por finda, restava a guardar as prometidas declarações por escrito. Convém deixar aqui patente que algumas dessas declarações não se fizeram esperar, mas porém outras, demoraram demasiadamente o que contribuiu para demorar a elaboração desse relatório, o que no entanto, não diminuiu a sua importância, visto que todos, tarde ou cedo, cumpriram com o seu dever.

Analisisas devidamente todas estas declarações, habilitou-nos a concluir o seguinte:

Dum modo geral não consta que durante a apresentação de relatórios referentes a mandatos conferidos a Manuel Joaquim de Sousa, os mesmos tivessem sido impugnados pelos restantes membros do Comité Confederal ou Comissão especial, e o mesmo acontecendo quando os mesmos bairavam, juntamente com as contas, ao Conselho Confederal. Quanto às importâncias gastos, não se pode chegar a um apurado exacto das contas, pois que:

1.º — Não se sabe ao certo quanto se gastou com a missão ao Norte — (missão da Comissão especial) — todavia, por cálculos de memória ag. a teitos, servindo de base para tal, as necessidades exigidas para uma missão idêntica, levando em conta o actual custo das tarifas ferroviárias, despesas de hospedagem e salários que pouco ou nada se terão modificado, e tendo também em consideração, que além de 32 dias gastos por M. J. de Sousa, ha a acrescentar mais 15 dias de despesas feitas com o delegado da delegação confederal do Norte — o camarada Amílcar Pereira, actualmente deportado na África Ocidental — que prefaz uma temporada de 47 dias de despesa para a C. G. T., ou seja um total de 47 dias de hospedagem e transportes e 41 dias de salários. Portanto, todas as despesas a partir do Porto para cima fôram a dobrar, o que está demonstrado pelo testemunho dos camaradas do Norte, na sua carta destinada a esclarecer este assunto. Mas aceitando como boas as informações acima expostas, e considerada a importância expressa no ofício do Sindicato dos Manufactores de Calçado — 2.800\$00, — conclui-se que tal missão, longe de ser considerada demasiadamente despendiosa e caracterizada por um emprêgo menos legítimo das importâncias confiadas ao acusado, houve pelo contrário um certo espírito de economia na sua aplicação, pois que se presume, que rigorosamente, essas despesas deveriam custar à C. G. T., cerca de 3.100\$00.

2.º — O dinheiro empregado como solidariedade ao dr. Pedro Valina, e outras despesas relacionadas com este assunto não são da responsabilidade de M. J. de Sousa, (que nem o Comité Confederal fazia parte). Se de facto existe qualquer responsabilidade neste caso, a mesma só poderia, em tal caso ser imputada ao próprio Comité de então ou ao conselho confederal, que deliberou prestar solidariedade áquele perseguido espanhol. (doc. n.º 5) Também se afirma que o dinheiro empregado para ocorrer a despesas inerentes com este caso tais como tempo pago a M. J. de Sousa para acompanhar Valina, nas «démarches» para se conseguir das autoridades competentes, autorização para este camarada poder exercer clínica em Lisboa, aproveitou a organização, pois que o M. J. de Sousa aproveitou parte do tempo para tratar de assuntos da mesma Organização. (doc. n.º 6).

Também se averiguou que muitas vezes o camarada Manuel Silva Campos, deixou voluntariamente de receber, algumas vezes, os seus honorários para não sobrecarregar as despesas que se estavam fazendo com o camarada Valina. Quanto á verba gasta não se pode saber ao certo a sua quantia, visto que há divergências de memória sobre tal assunto.

A missão a Espanha foi confiada a M. J. de Sousa e a Manuel da Silva Campos. Não há recordação da importância que a C. G. T. gastou com esta delegacia, que teve por objectivo estabelecer um entendimento entre

(Continua na 8.ª página)

UM MOVIMENTO POPULAR

A introdução do sistema de Jedinolitchiye

A primeira medida contra-revolucionária dos bolxevistas

A acrescentar aos diversos grupos de ambiciosos e aventureiros que entre si disputavam furiosamente o direito de explorar eprimir as classes produtoras, surgiu, ultimamente na política um novo tão feroz e abominável como os restantes, mas muito mais perigoso do que eles, pelo possibilidade que tem tido de deslumbrar as massas populares com a luz que irradiou da grande revolução russa, e na qual o seu principal papel foi o de extinguir pelos meios mais covardes e revoltantes.

E como para muita gente esse grupo ainda é considerado, não como o assassino, mas sim como o organizador da revolução russa de 1917, e como há o mesmo tempo também quem mercenariamente se encarregue da desonesta tarefa de propagar tal falsidade, achamos conveniente voltar a transcrever algumas passagens dum trabalho de Alexandre Berkman, no qual ele nos penteia o papel repugnante desempenhado pelo partido comunista no estrangulamento do grande movimento das massas da Rússia.

Eis algumas passagens desse trabalho, escritas em 1922, mas que têm sempre toda a oportunidade:

O sistema de Jedinolitchiye foi introduzido (direcção por uma pessoa). Foi o próprio Lénine o seu criador e principal defensor. Daí por diante os comités de fábricas e de oficinas foram abolidos, despojados de todo o poder. Todas as oficinas, minas, fábricas, caminho de ferro e todas as outras indústrias passaram a ser dirigidas por uma só cabeça, um «especialista», —e a velha burguesia tsarista foi convidada a ocupar esses lugares. Os primitivos banqueiros, correctores de bolsa, proprietários de oficinas e patões de fábricas tornaram-se os dirigentes, com completo controlo das indústrias, com absoluto poder sobre os operários.

Foram investidos com autoridade para alugar, empregar e despedir «mãos», para dar-lhe ou tirar-lhes o payok (ração de alimento); e ainda de puni-los, e entregá-los à Tcheka. Os operários que tinham lutado, e derramado o sangue pela Revolução, e estavam dispostos a sofrer mais, a gelar e morrer de fome na sua defesa, sentiram profundamente esta inaudita imposição. Consideraram-na como uma autêntica traição. Recusaram-se a ser dominados pelos mesmos proprietários e directores, a quem eles tinham escorregado nos dias da revolução para fora das fábricas, e que tinham sido senhoris e tão brutais para elas.

Não tinham interesse em tal reconstrução. O «novo sistema» defendido por Lénine como o salvador das indústrias, resultou na completa paralisação da vida económica da Rússia, impeliu os trabalhadores em massa para fora das fábricas, e encheu-os de amargura e de ódio contra todas as coisas «socialistas».

Os princípios e as tácticas da mecanização marxista da revolução estão confirmados a sua infelicidade.

O erro fanático, de que um pequeno grupo conspirador como ele era, poderia realizar uma fundamental transformação social foi a desgraça dos bolxevistas. Conduziu-os a incriíveis abismos de infâmia e de barbarismo. Os métodos inspirados em tal teoria, os seus meios inevitáveis, são de duas espécies: decretos e terror.

Nenhum destes pouparam os bolxevistas. Como Bukarine, o dirigente ideólogo dos militantes comunistas, ensinou, o terrorismo é o método pelo qual a natureza humana capitalista é transformada em bolxevista. A liberdade é «um preconceito burguês» (expressão favorita de Lénine), a liberdade da palavra e da imprensa desnecessária, prejudicial. O governo central é o possuidor de todos os conhecimentos e de toda a sabedoria. Fará todas as coisas. O único dever do cidadão é a obediência. A vontade do Estado é suprema.

Despida de belas frases, empregadas especialmente para consumo do Ocidente, esta era, e é, a atitude prática do governo bolxevista. Este governo, o real e único governo actual da Rússia, é constituído por cinco pessoas, membros do círculo interior do Comité Central do partido comunista da

Rússia. Estes «grandes cinco» são omnipotentes.

Este grupo, na sua verdadeira essência conspiradora, tem estado controlando os acontecimentos da Rússia e da revolução desde a paz de Brest-Litowsk. O que tem sucedido na Rússia desde então tem estado em estreita concordância com a interpretação bolxevista do marxismo. Esse marxismo, reflectido através da megalomania da omnisciência e omnipotência do círculo interior comunista, ocasionou a presente derrocada Rússia.

Em concordância com a sua teoria, os fundamentos sociais da revolução de Outubro foram deliberadamente destruídos. O último objectivo sendo um poderoso Estado centralizado, tendo o partido comunista o absoluto controlo, a iniciativa popular e as forças criadoras revolucionárias das massas tinham de ser eliminadas. O sistema electivo foi abolido, primeiro no exército e na armada, depois nas indústrias. Os soviets dos camponeses e operários foram castrados e transformados em comités comunistas obedientes, com a terrível espada de Tcheka sempre suspensa sobre eles. As associações operárias «governamentalizadas», —as suas actividades próprias suprimidas, —foram transformadas em simples transmissores das ordens do Estado. O serviço militar universal, conjugado com a pena de morte para os rebeldes conscientes; trabalhos forçados, com grande oficialidade para a prisão e custigo dos «desertores»; recrutamento agrário e industrial dos rurais; comunismo militar nas cidades e o sistema de requisições no campo, classificado por Radek como simples arresto de cereais (Correspondência da Imprensa Internacional, edição inglesa, vol. 1. N.º 17); a supressão dos protestos operários por meio do militarismo; o esmagamento do descontentamento dos camponeses com mão de ferro, indo até aos maus tratos, e arrastando as suas aldeias com artilharia—(Nos distritos do Ural, Volga e Kuban, na Sibéria e na Ucrânia)—caracterizou isto a atitude do governo comunista para com o povo, constituindo isto a «política construtiva social e económica» dos bolxevistas.

A-pesar-disto os camponeses e operários russos, prezando a revolução pela qual tinham sofrido tanto, mantiveram-se corajosamente lutando nos numerosos «fronts militares». Eles estavam defendendo a revolução, como pensavam. Passaram fome, gelaram e morreram aos milhares, com a esperança bela de que os comunistas fariam em breve cessar as coisas terríveis. Os horrores bolxevistas eram, dum modo ou doutro—pensava o russo simples—o inevitável resultado dos poderosos inimigos «do estrangeiro» atacando o seu amado país. Mas quando as guerras acabarem—o povo ingenuamente repetia as palavras da imprensa oficial—os bolxevistas voltarão ao caminho revolucionário, em que entraram em Outubro de 1917, e que as guerras os obrigaram a abandonar temporariamente.

As massas esperaram—e mantiveram-se. E, enfim, acabaram as guerras. A Rússia soltou um quasi perceptível suspiro de alívio, alívio palpável com profunda esperança. Era o momento crítico: a grande experiência tinha chegado. A alma da nação estava ansiosa.

Ser ou não ser? Então veiu a completa realização. O povo estava aterrado. As repressões continuavam, cada vez pior. As rapinantes razvycrska, as expedições punitivas contra os camponeses, não afrouxaram no seu trabalho assassino. A Tcheka continuava descobrindo mais «conspirações», as execuções foram tendo lugar como dantes. O terrorismo dominava. A nova burguesia bolxevista tiranizava os operários e camponeses, a corrupção oficial era enorme e franca, os enormes depósitos de géneros apodreciam em consequência da incompetência dos bolxevistas e do monopólio do estado centralizado—e o povo morria de fome.

Os operários de Leningrado, sempre na vanguarda de todo o esforço revolucionário foram os primeiros a manifestar o seu descontentamento, e a protestar. Os marinheiros de Cronstadt, depois de investigar as reclamações do proletariado de Leningrado, declararam-se solidários com ele. Por sua

vez anunciam que eram pelos soviets livres, livres da coacção comunista,—soviets que deviam na realidade representar as massas revolucionárias, e defender as suas necessidades. Nas províncias do Centro da Rússia, na Ucrânia, no Cáucaso, na Sibéria, e por toda a parte, o povo tornou conhecida a sua vontade, manifestou os seus sofrimentos, informou o governo dos seus pedidos.

O Estado Bolxevista respondeu com o seu usual argumento: os marinheiros de Cronstadt foram dizimados, os «bandidos» da Ucrânia, massacrados, e os «rebeldes» do Leste deitados abaixo com armas de fogo.

Feito isto, Lénine anunciou no X Congresso do partido comunista da Rússia (Março de 1921) que a sua primitiva política não estava certa.

A razvyorstka, requisição de alimentos, era puramente roubo. A violência militar contra os camponeses um «érito sério». Os operários precisavam receber alguma consideração. A burocacia soviética é corrompida e criminosa, um monstruoso parasita. «Os métodos que temos usado faliram!» O povo, especialmente a população rural, não está ainda ao nível dos princípios comunistas. A propriedade particular precisa ser introduzida de novo, o comércio livre restabelecido. Dora avante o melhor comunista é o que puder fazer o melhor contrato (expressão de Lénine).

A situação presente na Rússia é muito anómala. Economicamente é uma combinação do capitalismo do Estado e do particular.

Politicamente subsiste a «ditadura do proletariado» ou, mais correctamente, a ditadura do círculo íntimo do partido comunista.

Os camponeses forçaram os bolxevistas a fazer-lhes concessões. As requisições forçadas foram abolidas.

Foram substituídas pelo imposto em espécies, uma percentagem dos produtos do campo indo para o governo. Foi legalizado o comércio livre, podendo o agricultor trocar ou vender o seu superfluo ao governo, às cooperativas restabelecidas ou no mercado franco.

A nova política económica abriu amplamente a porta da exploração. Sancionou o direito de enriquecimento e da acumulação de riqueza. O agricultor pode tirar lucros das suas boas colheitas, arrendar mais terra, e explorar o trabalho dos camponeses, que têm pouca terra, e não tem cavalos com que trabalhar. A diminuição do gado e as más colheitas, algumas partes do país, criaram uma nova classe de «jornaleiros» que se alugam aos camponeses remediados. O povo pobre emigra das regiões, onde sofre fome, e engrossa as filas desta classe. O capitalista aldeão está a fazer.

O operário da cidade da Rússia hoje, sob a nova política económica, está exactamente na mesma posição do que o outro qualquer povo capitalista. A distribuição livre de alimentos foi abolida excepto em poucas indústrias exploradas pelo governo. O operário tem um salário, e tem de pagar as suas despesas—como nos outros países. A maior parte das indústrias, aquelas que são activas, foram alugadas ou concedidas a particulares. O pequeno capitalista tem agora a mão livre. Tem um largo campo para as suas actividades.

O superfluo do agricultor, o produto das indústrias e das artes aldeãs, e de todas as empresas particulares, estão sujeitos ao processo ordinário do negócio, podem ser comprados e vendidos. A concorrência entre os retalhistas conduz à incorporação e à acumulação de fortunas nas mãos dos indivíduos.

Desenvolvido o capitalismo da cidade e da aldeia não pode por muito tempo coexistir com a «ditadura do proletariado». A anti-natural aliança entre a última e o capitalismo estrangeiro será no futuro próximo um outro factor vital na sorte da Rússia.

O governo bolxevista ainda se esforça por manter a perigosa ilusão de que «a revolução vai progredindo», que a Rússia é «governada pelos soviets proletários», que o partido comunista e o seu Estado estão identificados com o povo. Fala-se ainda em nome de «proletariado».

Procura-se enganar o povo com uma nova quimera. Passado algum tempo—os bolxevistas agora pretendem—quando a Rússia tiver industrialmente ressurgido, por meio da obra do nosso sempre crescente capitalismo, a «ditadura do proletariado» ter-se-há também fortificado, e voltaremos para a nacionalização. O Estado diminuirá então sistematicamente e suplantará as indústrias particulares, quebrando assim o poder da burguesia, desenvolvida no entanto,

«Após um período de parcial desnacionalização uma mais forte nacionalização começa», diz Preobrazhensky, comissário de Finanças, no seu recente artigo. «As perspectivas da nova política económica». Então ficará o socialismo triunfante em todo o «front». Radek é menos diplomata. «Nós, certamente, não queremos dizer», afirma ele na sua análise política da situação russa, intitulada «É a revolução russa uma revolução burguesa?» (I. P. C. 16 de Dezembro de 1921). que no fim do ano confiscaremos de novo os bens acumulados.

A nossa política económica é baseada num mais largo período de tempo... Nós estamos preparando conscientemente para a cooperação com a burguesia; isto é, sem dúvida, perigoso para a existência do governo dos soviets, porque perde o monopólio na produção industrial contra os camponeses. Não significa isto a decisiva vitória do sindicalismo? Não podemos então não falar na nossa revolução, como tendo perdido o seu carácter revolucionário?...»

A estas muito oportunas e significativas respostas responde prazenteramente Radek com um catálogo. Não! É verdade, sem dúvida, como Marx ensinou, admite ele, que as relações económicas determinam as políticas, e que as concessões económicas à burguesia devem também conduzir a concessões políticas.

Ele lembra que quando a poderosa classe dos proprietários da terra, começou a fazer concessões económicas à burguesia, estas foram em breve seguidas de concessões políticas, e finalmente da capitulação da classe possuidora. Mas insiste que os bolxevistas manterão o seu poder ainda sob a restauração do capitalismo.

«A burguesia é historicamente uma classe decadente, morta... Eis porque a classe trabalhadora (?) da Rússia se pode recusar a fazer concessões à burguesia; isto é justificado na esperança de que o seu poder aumentará nacionalmente e internacionalmente mais rapidamente do que o poder da burguesia russa.»

No entanto, a-pesar-de se assegurar automaticamente que o seu «poder cresce nacional ou internacionalmente», o operário russo está em más condições. A nova economia política transformou o proletariado «ditador» num escravo vulgar do salário, como o seu irmão dos países onde predomina a ditadura socialista. O estabelecimento do monopólio do governo nacional teve por consequência tirar para fóra das fábricas centenas de milhares de homens e de mulheres. Muitas instituições soviéticas têm sido fechadas; as restantes têm despedido 50 a 75 % dos seus empregados. O grande influxo para as cidades de camponeses arruinados pelas razvyorstka, e dos que fugidos dos distritos esfomeados, produziram o problema do desemprego de resultados ameaçadores. A reviviscência da vida industrial por meio do capital particular é um processo muito lento, devido à falta de confiança geral pelo Estado bolxevista e suas promessas. Mas quando as indústrias principiarem outra vez a funcionar cada vez mais sistematicamente a Rússia enfrentará uma situação muito difícil e complexa. As organizações operárias, as «trade unions» não existem na Rússia, pelo menos no que diz respeito às legítimas actividades de tais corporações. Os bolxevistas já as aboliram há muito tempo. Com o desenvolvimento da produção e do capitalismo, tanto governamental, como particular, a Rússia verá nascer um novo proletariado, cujos interesses devem naturalmente entrar em conflito com os da classe patronal. Uma luta mais amarga está iminente. Uma luta de natureza du-

(Continua na 7.ª página)

SESSÕES SOLENE

O Sindicato do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Comemorando o seu 20.º aniversário realizou-se no passado domingo, 2 do corrente uma sessão solene estando representado vários organismos operários.

Um membro da Direcção salienta o fim daquela sessão, congratulando-se com a presença de tantos organismos para comemorar a sua data festiva.

O delegado dos Pasteleiros e Confeiteiros saudando a classe apresenta a solidariedade da sua num esforço de união proletária, segundo-se nessa ordem de ideias os delegados dos Serventuários da Alfândega de Lisboa e Pintores da Construção Naval.

O delegado dos Funcionários da A.P. de L. sauda a classe congénere manifestando o desejo da sua classe dum entendimento que possa ser útil a ambas para vitalisarem-se e poderem vingar as suas reivindicações.

O delegado dos Arsenalistas de Marinha que apresentando as saudações, entra numa apreciação ao estado atual do capitalismo preconizando um desenvolvimento do espírito de classe frente à luta encetada, flagelando a educação burguesa, e termina defendendo a redução da jornada de trabalho e uma atualização dos salários para obstar à «chômage».

O delegado dos Ferroviários da C.P. apresenta as suas saudações salientando o significado destas festas. Defende uma educação livre e crítica a ideia dum subsídio à invalides, refutando-o nesta altura o camarada Marinho, concluindo contudo às suas considerações.

O delegado dos Fragateiros filia às coisas da situação do operariado também aos militantes sindicais, exultando as vantagens para as classes dos transportes da criação da Federação dos Transportes e de militantes novos.

O delegado do Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa defende a união destas duas classes, justificando as razões que obrigaram à sua separação pela coação de certos traidores, achando-se satisfeito por caminharem num sentido proletário, defendendo um subsídio na invalides.

O delegado dos Estivadores do Porto de Lisboa saúda a classe em festa, desejando uma união entre todos os trabalhadores.

O delegado do Sindicato do Arsenal do Exército salienta que os dias festivos de hoje são dias de propaganda. Defende um subsídio na invalides atenuado espraiando-se em várias considerações sobre o desemprego.

O delegado da comissão Inter-Sindical congratula-se por estar presente o elemento feminino. Explica a função da comissão Inter-Sindical a defesa do horário do trabalho; ataca as horas suplementares. Critica o movimento operário de há 35 anos que era colaboracionista. Exalta a figura de Ferrer.

O delegado da Câmara Sindical de Trabalho de Lisboa, salienta o ambiente sereno em que tem decorrido aquela sessão e apresenta as reivindicações daquele organismo: redução da jornada de trabalho e unificação dos salários. Apreciando o estado atual do capitalismo e as características das reivindicações proletárias no sentido anti-capitalista e revolucionário. Critica a opinião da evolução pelas lutas sangrentas julgando que Revolução é um aspecto da Evolução estabelecendo o paralelo entre Evolução natural e evolução acelerada.

Joaquim Alfarrá, membro da classe, apresenta as despedidas por se ter reformado. Pede à imprensa que registre que atacou a Administração do Porto de Lisboa por mandar para bordo pessoal que pertence ao cais em prejuízo doutro pessoal.

Alexandre Marques deseja ver uma união de todas as classes da Exploração do Porto de Lisboa.

O delegado da Federação de Transportes que presidia, encerra a sessão atacando de frente as calúnias da burguesia contra aquele organismo.

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

UM MOVIMENTO POPULAR**A introdução do sistema de Jedinolichiye**

(Continuação da 6.ª página)

pla contra o capitalismo particular, e contra o estado como patrão do proletariado. É ainda provável que a situação se desenvolva noutro sentido: antagonismo dos operários empregados na indústria do Estado e os operários mais bem pagos das empresas particulares. Qual será a atitude do governo bolxevista?

O objectivo da nova política económica é animar, de todo o modo possível, o desenvolvimento das empresas particulares, e acelerar o crescimento do industrialismo. Oficinas, minas, fábricas, foram já concedidas aos capitalistas. As reclamações do proletariado têm uma tendência para reduzir os lucros; eles intervêm no processo ordinário do negócio?

E com referência a greves, elas impedem a produção, e paralisam a indústria. Não devem ser declarados solidários na Rússia bolxevista os interesses do Capital e do Trabalho?

As explorações industriais e agrícolas da Rússia, sob a nova política económica, devem inevitavelmente conduzir ao desenvolvimento dum poderoso movimento operário. As organizações operárias unirão e solidificarão o proletariado da cidade com o campo, o pobre, nas reclamações comuns de melhores condições de vida. Da presente fêmea do operário russo, agora enriquecido pelos seus quatro anos de experiência do regime bolxevista, pode-se afirmar com muitas probabilidades, que o movimento operário da Rússia se desenvolverá segundo as táticas sindicalistas. É forte o sentimento entre os operários russos. Os princípios e os métodos do sindicalismo revolucionário são lhes familiares. O trabalho efectivo dos «comités» de fábricas e oficinas, os primeiros a iniciarem a expropriação industrial da burguesia em 1917, é uma inspiradora recordação ainda fresca no espírito do proletariado. Mesmo no próprio partido comunista, entre os seus elementos operários, a ideia sindicalista é popular. A famosa oposição operária, dirigida por Shliapnikov e Alexandra Kolontay dentro do partido é essencialmente sindicalista.

Que atitude tomará o governo bolxevista perante o movimento operário a desenvolver-se na Rússia, quer seja no todo ou em parte sindicalista? Até agora o Estado tem sido o inimigo mortal do sindicalismo operário dentro da Rússia, enquanto o encoraja outros países. No X.º Congresso do partido comunista russo (Março de 1921) Lénine declarou guerra sem tréguas contra o mal-síntoma das tendências sindicalistas, e ainda a discussão das teorias sindicalistas foi proibida aos comunistas, sob pena de exclusão do partido. (Ver relatório oficial X.º Congresso).

Um certo número de membros de oposição operária foram presos e condenados. Não se deve levianamente afirmar que a ditadura comunista poderia resolver satisfatoriamente os difíceis problemas originados por um real movimento operário sób a autocracia bolxevista. Eles envolvem princípios de centralização marxista, o funcionamento do comércio ou das uniões industriais independentes do governo omnipotente, e a oposição activa do capitalismo particular. Mas não sómente com os pequenos e grandes capitalistas terão em breve os operários da Rússia de lutar. Fá-lo hão também com o próprio Estado capitalista.

Para se compreender correctamente o espírito

rito e o carácter da fase presente bolxevista, é necessário considerar que a chamada «nova política económica» não é propriamente nem nova nem económica. É velho marxismo político, a fonte exclusiva da ciência bolxevista. Como socials-democratas, eles conservaram-se fieis à sua bíblia. Sómente num país, onde o capitalismo esteja o mais altamente desenvolvido se pode realizar uma revolução social—esse é o ponto principal da fé marxista. Os bolxevistas estão quase a aplicar isto na Rússia. Na verdade, nos dias da revolução de outubro eles desviaram-se repetidamente do direito e estreito atalho marxista. Não porque eles duvidavam do profeta. De forma alguma. Pelo contrário, Lénine e o seu grupo, os oportunistas políticos, foram forçados pelas irre sistíveis aspirações populares a seguir um verdadeiro caminho revolucionário. Mas estiveram sempre agarrados às fraldas de Marx, procurando toda a oportunidade para dirigir a revolução no caminho marxista.

Como Radek ingenuamente nos recorda «já em abril de 1918, num discurso da camara Lénine, o governo dos sovientes tentou definir as próximas tarefas, e indicar o caminho que nós agora designamos como nova política económica». (I. P. C. Vol. I, n.º 17).

Significativo aviso! Na verdade, a presente política bolxevista é a continuação do bom marxismo bolxevista ortodoxo de 1918. Os «leaders» bolxevistas admitem agora que a revolução, no seu desenvolvimento depois de outubro, foi sómente política, não social. A centralização mecânica do Estado comunista—isto deve ser lido com ênfase—foi fatal à vida económica e social do país.

A ditadura violenta do partido destruiu a unidade de operário e dos camponeses, e criou uma situação artificial e burocrática perante a reconstrução revolucionária. A completa negação da liberdade de palavra e de crítica, não sómente para as massas mas também para os adeptos do próprio partido comunista, teve como resultado o seu esfacelamento através dos seus próprios erros.

E agora? O marxismo bolxevista continua na pobre Rússia. Mas é monstruosamente criminoso prolongar esta Comédia sangrenta de Erros. A construção comunista não é possível ao lado dum capitalismo raquitico, artificialmente desenvolvido. Esse capitalismo não pode nunca ser destruído—como Lénine & C. pretendem acreditar—pelo processo regular do Estado bolxevista tornando-se economicamente cada vez mais forte. A «nova» política é por isso uma ilusão, fundamentalmente reacionária. Isto mesmo cria a necessidade duma outra revolução.

Deve a humanidade torturada percorrer sempre o mesmo círculo vicioso?

O aprenderão, pelo menos os operários a grande lição da revolução russa que todo o governo, qualquer que seja o seu nome e promessas, é pela sua própria natureza, como governo, destruidor de todos os propósitos da revolução social? É missão do governo governar, submeter, robustecer-se e perpetuar-se. E já tempo de os operários aprenderem que só os seus próprios esforços organizadores e criadores, livres da interferência política e do Estado, podem contribuir para que triunfe finalmente a secular luta pela sua emancipação.

PELOS MINEIROS**O que se passa na mina de São Domingos e de Aljustrel**

Há semanas veio a Lisboa uma comissão de mineiros, de Aljustrel e de S. Domingos, com o fim de se encontrar com quem de direito que intervém nas condições de trabalho e de segurança nas minas.

Uma das reclamações consistia nos revestimentos da contra-mina, em S. Domingos, que não se prolongavam em toda a galeria subterrânea, havendo sítios despidos do madeirame e dos encilhamentos, necessários a obstar às derrocadas.

Pela pasta do Comércio foi determinado um imediato e rigoroso inquérito as condições de segurança dos mineiros. Pedia o respectivo sindicato que sempre que na contra-mina se fizessem vistorias por engenheiros delegados do governo, fossem estes acompanhados por dois mineiros dos mais conhecedores da mina e condições em que se efectua o trabalho, indicados por aquele organismo.

Essa vistoria foi já realizada, mas sem a comparsa dos delegados operários. Logo que o delegado do governo retirou de S. Domingos, talvez apenas horas depois, as esperadas derrocadas produziam-se no fundo da mina. Não se produziram desastres pessoais, porque os operários, de sobre-aviso como estavam, puderam fugir a tempo de não serem colhidos.

Mero acaso, certamente, pois não é a primeira vez que a pesar-de da prévia adver-tência operária, se verificam desastres em que mineiros são colhidos.

Estes factos demonstram o desprezo que a respectiva Empresa exploradora tem pela vida dos que do sub-solo extráem tanta riqueza.

* * *

Mas não é só isto que faz descontente a classe mineira de S. Domingos. Há tempos, para aliviar um pouco a sua miséria, a classe mineira reclamou um aumento de salário. Em vez desse aumento, a Empresa estabeleceu um aumento, a título de subsídio, de 5% nos salários.

Este subsídio duraria enquanto subsistisse a carestia da vida. E sem que o custo da vida baixasse, no preciso momento em que ameaçavam e se produziram as derrocadas, que só por acaso não vitimaram mineiros, é que a Empresa retirou esse subsídio.

Reunidos no respectivo sindicato, os mineiros deliberaram não baixar à mina sem que, antes, a Empresa convertesse o «subsídio» em aumento de salário, além de outras medidas de defesa dos mineiros.

Posteriormente, porém, deliberaram que a recusa de baixar à contra-mina faz-se apenas de algumas horas, como protesto contra a supressão do referido subsídio.

Pelas últimas notícias que temos daquela longínqua localidade, à hora a que escrevemos, parece que a causa dessa resolução se filia no facto de faltar homogeneidade no movimento por parte de todos os mineiros.

* * *

A Aljustrel foi também um engenheiro-delegado do governo, e, ao que nos referem, é a primeira vez que tal facto se verifica. Mas a respectiva Empresa, ao ter conhecimento de que as minas seriam visitadas deu-se pressa em mandar proceder a certas limpezas e arranjos. Uma das coisas que fez foi mandar impedir algumas bocas de galerias transversais, cujas condições interiores eram horríveis, para que o engenheiro delegado do governo não as visitassem—facto que, parece, não passou despercebido àquele engenheiro.

NOS ESTADOS UNIDOS**A imigração na América do Norte**

As medidas de restrição da imigração nos Estados Unidos, aprovadas na última sessão do congresso, reduziram esta em 30%.

No mês último o número total de imigrantes admitidos na América do Norte foi de 17.792 contra 28.002, no mesmo período do ano anterior.

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

“A BATALHA”

é o jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores,
que melhor informa os seus leitores, mais se preocupa com os PROBLEMAS DO TRABALHO e mais atenção dedica à EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DOS TRABALHADORES.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A BATALHA



Um documento

(Continuação da 3.ª página)

a organização portuguesa e a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha. Apenas se sabe que os delegados foram providos de uma importância estritamente indispensável para uma curta demora. Nessa altura o cargo da C. G. T. estava muito precário, quanto a fundos. Por tal motivo, foram dadas instruções aos delegados para não alargarem a sua permanência naquele país. Também há a recordação de que nessa altura, fins de ano, o próprio comité estava bastante preocupado com a carenção de fundos para a aquisição de expediente de cobrança para o ano que se aproximava.

Esta missão realizou-se em Dezembro de 1923 e foi prolongada até Fevereiro de 1924 por causa da reacção espanhola os ter encarcerado, poucos dias depois de os delegados terem chegado a Sevilha, onde os conservou durante dois meses, naquela situação. (doc. n.º 6).

Não consta que se tivesse prestado — por parte da organização portuguesa — qualquer auxílio financeiro aos cativeiros da reacção espanhola; toda a solidariedade a elles prestada na prisão, foi feita pela C. N. T. (Espanha). Apenas se sabe que a C. G. T. auxiliou as famílias dos presos, durante todo aquele tempo.

4.º — Está averiguado que a delegacia ao pleno da A. I. T. entregue a M. J. de Sousa e que reuniu em Paris em 1926, orçou por uns dois mil escudos (doc. n.º 7), conforme o testemunho do Tesoureiro dessa época — Carlos José de Sousa, que também afirma, que foram apresentadas contas e justificadas, logo que o camarada Sousa regressou de França.

Porém, Joaquim de Sousa diz que esta missão foi considerada arbitrária, por ter sido a sua nomeação feita simplesmente pelo Comité, sem conhecimento do Conselho Federal. No entanto, acrescenta que nas mesmas condições, tinha sido feita a nomeação do delegado à Rússia, confiada a Perfeito de Carvalho.

Convene frizar que a delegacia ao pleno da A. I. T. foi também extensiva a uma reunião de camaradas exilados de Espanha, que se efectuou em Marselha, sendo o nosso delegado incunhado, também, dessa missão em face dum convite dimanado do Comité de Relações dos emigrados espanhóis, visto que êsas camaradas eram membros da C. N. T. e no seu espírito integrados e com os quais se impunha à Central Operária Portuguesa estabelecer relações. Essa reunião efectuou-se dias antes do pleno da A. I. T.

Antes de terminar, julgo do nosso dever deixar aqui expressado a opinião do camarada João Antunes, elemento do Sindicato dos Manufactores de Calçado, que procurado por nós para nos elucidar até que ponto concreto baseava as suas acusações feitas numa assembleia do seu Sindicato contra o camarada M. J. de Sousa, aquele camarada declarou que nunca teve o menor intuito de emporcalhar a vida de quem quer que seja, e quando apontou os casos que constam no ofício do seu Sindicato, foi baseado em informações a ele feitas por Santos Arranha.

No entanto afirma que é seu desejo que tais acusações não passem de calúnias. Por que lhe não move o intuito ou o interesse (e político ainda menos, visto o não ser) em que perdure tal calúnia, porque no fundo não é inimigo de Sousa. Pretende apenas que se esclareça a verdade. E se as suas suspeitas de má conduta contra M. J. de Sousa tomaram vulto no seu espírito, isso deve-se ao facto de na ocasião em que se levantou a questão no seu Sindicato o acusado não se apressar a desmentir as acusações que lhe eram feitas, e ainda mais convencido ficou, de nessa ocasião, Sousa ter deixado de lhe falar.

(Continua no próximo número)

O valor nos simples soldados é um ofício perigoso, que aproveitaram para ganhar a

EM ALEMALHA DE BAIXO

É precisa uma escola e uma caixa de correio

Camaradas desta localidade escrevem-nos pedindo que pugnemos pela criação, naquela localidade, duma escola e duma caixa de correio. A primeira é precisa sem demora, porque as crianças para receberem a instrução elementar têm de ir três quilómetros de distância. Constituiu-se uma comissão para angariar fundos, destinados à construção dum edifício escolar.

Mas, como sempre sucede, há quem se desinteresse disso, resultando daí um prejuízo avultado para as crianças desta localidade. A comissão composta por Manuel Joaquim Ferreira, Luís Duarte, Salvador Ferreira, tem trabalho persistentemente, procurando demover os renitentes, os que dão tudo para a igreja e nada para as coisas úteis.

Quanto à caixa é também uma necessidade instantânea. Para avaliar dessa necessidade bastará saber-se que para recebermos o correio, temos de ir a três quilómetros de distância. Imagine-se por este facto quanto é necessária a dita caixa.

Insistimos no assunto, pela sua importância local.

DE ÉVORA

Constituição dum Sindicato de Cantoneiros

Acaba de se constituir no distrito de Évora uma comissão organizadora da Associação da classe dos cantoneiros das estradas do respectivo distrito. Esta comissão tem vontade de organizar toda a classe dos cantoneiros do país, chamando para esse facto a atenção de todos os camaradas da mesma classe. Vai realizar a sua primeira reunião no dia 1 de Dezembro do corrente ano, na sede da União dos Sindicatos Operários de Évora. Pede-se a adesão de todos os camaradas do país devendo fornecer todas as indicações necessárias. A correspondência pode ser dirigida a Francisco Delgado para entregar a Manuel Tomaz Barreto — Arraiolos.

Associação dos Compositores Tipográficos

A Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa comemorou no passado dia 2 a passagem do seu 27.º aniversário de fundação.

Realizou por esse motivo, uma sessão solene à qual presidiu Basílio das Neves, secretariando os representantes da Federação do Livro e do Jornal e da Associação dos Impressores Tipográficos.

Vários oradores fizeram uso da palavra, sendo historiada, por algum deles, a vida associativa daquele organismo nos seus 27 anos de actividade, aludindo aos seus movimentos sindicais, às suas lutas e às fases destas mais características. Foram ainda, recordados vários militantes da classe, que, com a sua incansável actividade, deram prestígio à Associação elevando o nível moral da classe, dando-lhe unidade de ação e pugnando, em todos os tempos para um maior e mais constante ação.

A noite José Augusto Machado fez uma conferência, substituindo o Dr. Brito Camacho, que não pôde fazer a que tinha sido anunciada, porque uma doença súbita disso o impediu.

José Augusto Machado tratou as Internacionais e o aspecto económico dos trabalhadores, desenvolvendo os seus pontos de vista sobre a matéria em questão.

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

VIDA SINDICAL

Comissão Inter-Federal

Reuniu com a presença de 9 organismos federativos tendo tomado as seguintes resoluções:

Apreciando a situação de A Batalha resolveu nomear uma Comissão com o fim de estudar o melhor modo de levar à prática várias actos de auxílio ao nosso jornal.

Apreciou, também a campanha que determinados elementos políticos vem fazendo contra a organização operária integrada neste organismo, tendo tomado diversas resoluções atinentes a pôr um dique à traçoaria obra que se vem fazendo contra os interesses dos trabalhadores. Nesse sentido aprovou a seguinte moção:

Considerando que a campanha defensista que há tempos se vem desenvolvendo contra a C. G. T. está assumindo um carácter grave, cujos resultados se estão fazendo sentir na organização integrada na mesma, de uma forma pela qual se verifica o propósito firme de inutilizar a nossa, bem como aos seus militantes;

que se torna imprescindível e urgente acabar com este estado de coisas, por uma forma energica que esclareça atitudes e defina posições de maneira que a organização confederal, pondo os pontos nos ii, destrua dum vez para sempre a campanha infame que se está fazendo;

que esta acção se deve manifestar dum forma ininterrupta e persistente para a qual é necessário, também, organizar o trabalho defensivo e de esclarecimento dos principios e táticas da C. G. T.

O Conselho Federal, reunido em 31 de Outubro de 1930, resolve:

1.º — Exercer imediatamente por meio da imprensa confederal uma obra de esclarecimento, sob todos os pontos de vista, em que a organização é atacada.

2.º — Nomear uma comissão para, de acordo com o Comité Confederal, pôr em prática todo o trabalho necessário de modo que seja esclarecida toda a obra que se vem fazendo contra a C. G. T. e seus militantes.

Apreciou, por fim, expediente do Sindicato da Construção Civil de Reguengos de Monsaraz, Mineiros de S. Domingos, Rurais da Fronteira e de Vila Real de Santo António, sendo resolvido consolar as suas informações e os assuntos a tratar.

Apreciou, ainda expediente da A. I. T. sobre o próximo Congresso Internacional e um ofício da Associação do Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Louçã Marques.

Tratou, também, do expediente para o próximo ano.

Aos Sindicatos e Federações

A todos os organismos operários aderentes à Comissão Inter-Federal, lembramos a necessidade e a conveniência de mandarem na devida altura, para o nosso jornal, os comunicados das suas assembleias ou outros actos a que seja necessária fazer referência.

Esperamos que não se esqueçam de o fazer.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares

Secretariado — Na reunião, efectuada na passada quarta-feira, foi resolvido convidar por meio de A Batalha os sindicatos gráficos aderentes a enviarem os seus comunicados para o órgão federal, O Gráfico lembrando-lhes a responsabilidade, que êstes constantes adiamentos só a êsses sindicatos cabem pela pouca consideração em que têm sido as exortações da Federação em escreverem. Outrossim, foi resolvido convidar os mesmos sindicatos e ainda por intermédio deste jornal a não demorarem as respostas à circular da Federação sobre salários mínimos e estatística de desempregados.

Foram ainda resolvidos outros assuntos de carácter interno.

Sindicato Único Mobiliário. — Reuniu na quarta-feira a comissão admi-

nistrativa em conjunto com a comissão organizadora de donativos pró-cofre sindical, apreciando a maneira como foram comprendidos os apelos feitos à classe. Verificou-se mais uma vez que os operários mobiliários não deixam desaparecer o seu organismo de luta, pois que o seu desaparecimento implicava o cercamento de todas as regalias que temos conquistado a trôco de muito sacrifício.

Foi resolvido enviar umas circulares às fábricas em que é exposta a vida do nosso sindicato, e umas listas para as oficinas que aíndia não contribuíram. Qualquer camarada que queira contribuir ou levar uma lista pode dirigir-se à sede do sindicato todos os dias das 19 horas em diante.

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa — Secção profissional dos Mecânicos em Madeira

Para se tratar da reorganização desta secção, são convocados os camaradas Mecânicos em madeira, a reunirem em sessão magna, devidamente autorizada, reunião esta que se efectua na próxima 4.ª feira 12 do corrente pelas 21 horas na sede deste sindicato, Travessa da Água de Flôr n.º 16-1º.

Por se tratar de assunto que grandemente interessa a todos os Mecânicos em madeira esperamos que acorrereis à sessão.

Federação do Ramo de Alimentação. — Reuniu a comissão executiva, ocupando-se de vários trabalhos que muito interessam o desenvolvimento desta Federação. Apreciou diversos ofícios de Sindicatos da Alimentação, uns pedindo explicações, outros comunicando terem nas suas assembleias gerais votado a sua adesão a esta Federação, e pedindo que lhe sejam fornecidos nomes de delegados para os representar no conselho.

Sobre o dos Artistas Confeiteiros do Porto foi resolvido enviar nomes dos delegados, e aos restantes, oficiar sobre os assuntos que tratam.

Esta Federação pede a todos os sindicatos da Alimentação que receberam circulares, que respondam com urgência ao conteúdo das mesmas, por quanto da demora das respostas dependem as resoluções que, com urgência, o conselho federal tem de tomar.

Ocupou-se, ainda, do ofício dos manipuladores de Lisboa, ratificando a sua adesão, e nomeando delegados ao conselho os camaradas José Marques Teixeira, Hermínio Alexandre e Carlos Marques Teixeira.

Entende esta comissão que os sindicatos que já deram a sua adesão, devem começar desde já a requisitar o expediente e todas as explicações que julguem necessárias sobre qualquer trabalho.

Convocação

Associação de Classe dos Taneiros de Lisboa. — Esta classe reúne no próximo domingo 9 em sessão magna, pelas 9 horas da manhã, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciar as resoluções tomadas pela Direcção.

2.º — Dar conhecimento dos delegados nomeados para fiscalização do horário de trabalho.

3.º — Nossa adesão à C. S. T. de Lisboa. Saúde e emancipação.

Pela Direcção

André dos Santos

MARCO POSTAL

Coimbra. — A. J. S. Martins — Impossível publicar o que mandou. De futuro mande mais curto e escrito dum só lado.

Alferrarede. — Q. — Não tem sido possível escrever-te. A nota não saiu, porque saíndo na V. O. Aqui não seria necessária. Manda original.

Messines-Alte. — Manuel Inácio Costa — Mandámos recibo da sua assinatura à cobrança.

Elvas. — Custódio Lobo Silveira. — A sua assinatura ficou paga até ao n.º 8.

Borba. — Joaquim António Armáric. — Segue carta com recibo.